

Brasiliense fica

DF-Economia
001
Reportagem 0182

Renda média da população teve queda de 37% em

1991

20 NOV 1991

JORNAL DE BRASÍLIA

mais pobre

DF - Economia
uma década e cairá mais 42% até 1994

Eliane Trindade

Censo enfrenta dificuldade

Malu Pires

Ao longo da década de 80 o brasiliense empobreceu. A renda média da população, calculada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), sofreu uma queda de 37% no período de 1978 a 1988, continua decaindo e até 1994 o declínio previsto é de mais 42%, além da queda anterior. O fato é explicado por vários fatores, sendo o principal a dependência econômica do DF em relação ao setor público federal, que desde o início dos anos 80 parou de crescer. A perspectiva de cortes no orçamento do DF é prenúncio de novas quedas no poder aquisitivo e na qualidade de vida do brasiliense.

Se confirmados os cortes anunciados no repasse de verbas da União nos próximos anos, a crise tenderá a se agravar, como prevê o assessor da Secretaria do Trabalho, Marcelo Zero. Ele enfatiza ainda as graves repercussões sociais de uma possível falta de verbas federais para atendimento das áreas de saúde e educação, conforme anunciou o Governo Federal. Marcelo Zero ressalta que a interdependência econômica com o setor público acaba afetando todos os setores da economia do DF. O agravante, segundo ele, é que a estagnação da economia formal tem como contrapartida o acelerado crescimento da população economicamente ativa.

De acordo com Marcelo Zero, a queda do poder aquisitivo da população está intimamente relacionada ao arrocho salarial imposto ao funcionalismo público federal. No DF, 65% da massa salarial do setor forma da economia é proveniente da administração pública direta, fora as fundações e empresas públicas. "Dessa forma, toda a economia acaba girando direta ou indiretamente em torno das verbas públicas, seja na forma de salários, de investimentos ou gastos públicos", conclui o técnico da Secretaria do Trabalho.

Déficit

Ao contrário do crescimento apresentado nas décadas de 60 e 70 com o "boom" da construção civil e a transferência dos órgãos públicos para a nova capital, nos anos 80 a economia do DF passou a caminhar a passos lentos quando o ritmo do crescimento populacional foi acelerado, sofrendo impulso consi-

O desencontro entre morador e entrevistador está dificultando a conclusão dos trabalhos de coleta de dados do Censo 1991. A afirmação é do coordenador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de Brasília, Antônio Pereira, que apela às pessoas que ainda não tiveram sua residência visitada por um recenseador para entrarem em contato através do telefone 1408. Por causa dos desencontros, já houve dois adiamentos do término do Censo — previsto para se encerrar no final de outubro.

Segundo ele, há uma faixa da população que sai muito cedo de casa e retorna tarde da noite. "Esta situação impossibilita a aplicação do questionário, mas através do contato telefônico podemos marcar a hora da entrevista", disse, lembrando, ainda, outros quatro números que podem ser utilizados pela comunidade: 591.2113 para quem mora em Sobradinho, 561.0233 em Taguatinga, 556.1082 no Gama e 224.6998 no Plano Piloto.

Só o 1408 funciona em regime de plantão das 8 às 22 horas — os demais no horário comercial, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas. "É importante que a população participe do processo para agilizar o final da coleta de dados, etapa

prevista para se encerrar neste final de semana", disse. Já na próxima segunda-feira os questionários começarão a ser analisados e a expectativa é de que em dezembro sejam divulgados os primeiros resultados preliminares.

Dois questionários estão sendo aplicados à população. O básico leva menos de cinco minutos para ser respondido. Consiste de perguntas simples como nome, idade, sexo, escolaridade, profissão. O segundo questionário tem 61 perguntas e as pessoas levam de meia hora a 40 minutos para respondê-lo, mas só será aplicado em 10% dos entrevistados.

De 10 em 10 casas visitadas pelo recenseador, é na décima que o questionário das 61 perguntas é aplicado. As questões se referem às que o básico contém e se aprofundam no levantamento sobre qualidade de vida, migração, renda, mercado de trabalho, etc. A importância deste trabalho, ressaltou Antônio Pereira, não está apenas no fato de se saber quantos residem no DF.

Mais que isso, frisou, seus resultados mostrarão uma radiografia da população e das condições de vida dos habitantes de Brasília. Condição que é pré-requisito para o planejamento de ações governamentais e particulares para solucionar problemas de hoje e do futuro", assinalou.

derável com as migrações. Resultado: o número de empregos gerados na economia formal está bem abaixo do nível esperado para absorver o crescimento anual de 6,5% da população economicamente ativa.

Com base na Pesquisa de Emprego/Desemprego do Ministério do Trabalho, o déficit de empregos na década de 80 atingiu uma massa de 318 mil 767 trabalhadores brasilienses. No mesmo período foram gerados 97 mil 285 empregos para atender a uma população economicamente ativa de 416 mil 52 pessoas. Em 90 foi registrado um saldo negativo de 12 mil 973 pessoas entre as admissões e demissões no DF, anulando praticamente o número de contratações em 89, quando foram gerados cerca de 13 mil novos empregos. Esse ano até

junho o saldo era positivo com 3 mil 513 contratações, a estimativa da Secretaria do Trabalho é que feche o ano com pequeno saldo negativo.

A Secretaria do Trabalho calcula que pelo menos 60 mil pessoas ingressam anualmente no mercado de trabalho, o que eleva o déficit para 370 mil novos empregos. Com a crise no setor formal, parte dessa mão-de-obra é absorvida pelo mercado informal. O percentual de absorção é hoje superior a 40%. "Essa absorção de mão-de-obra pelo setor informal também contribui para o empobrecimento do brasiliense", aponta Marcelo Zero, tendo como base que em média os rendimentos do setor informal são 43% menores que o do formal.

DF-Economia
001
Reportagem 0183